

SUCESSÃO NO CAMPO

Roberto Rodrigues *

A evolução tecnológica da agropecuária brasileira é indiscutível, e tem muito pouca gente contestando esse fato. Aliás, qualquer cidadão medianamente informado sabe da importância que o setor rural tem para a economia, seja do ponto de vista do suporte para o crescimento do PIB, seja na formação do saldo comercial, seja também no aspecto social: em um momento de dramático desemprego, nos últimos anos o campo continuou empregando. A mídia tem informado adequadamente os números de cada um destes indicadores, de modo que o agro ganhou reconhecimento pelo que vem fazendo, graças principalmente à tecnologia tropical sustentável aqui desenvolvida e aplicada, e aos mercados dos países emergentes que até agora tem sido demandantes de alimentos, energia e fibras.

A campanha "Agro é Pop" da Globo levada ao ar todos os dias em horário nobre, por sua vez, tem contribuído para mostrar a ligação entre qualquer pessoa, mesmo a mais empedernida urbana, com a atividade produtiva rural. E isto exige cada dia maior profissionalismo no agro, razão pela qual vem ganhando relevância um tema central: a sucessão no campo. Melhor, sucessão no agronegócio, porque a questão não está localizada apenas nas fazendas, mas também nas associações, nos sindicatos e nas cooperativas agropecuárias. Nessas entidades de classe, há uma tendência sutil de permanência de lideranças. A dispersão física dos agricultores ajuda isso. Fica difícil participar de assembleias e reuniões, os associados vão se acomodando e os dirigentes também. O tempo passa e, de repente, as pessoas se dão conta de que o "chefe" está na cadeira dele há 3, 4 ou mais mandatos, sem se preocupar com a sucessão e muito menos com a formação de lideranças mais jovens e capacitadas a substituí-lo. Isto não é bom, mesmo que o líder seja muito capaz e faça ótimo trabalho. O rodízio de lideranças é sempre positivo, areja as instituições, traz nova visão e maneira de enfrentar os desafios.

A reforma trabalhista recém decidida no Brasil trará alguma turbulência nessa tendência, especialmente nos sindicatos, com a mudança na contribuição sindical.

Mas é nas fazendas que o tema ainda está demorando para destravar. Não que os veteranos produtores se neguem a incorporar inovações técnicas: eles já sabem que sem tecnologia não terão produtividade nem competitividade, e ficarão para trás.

O difícil é mudar mecanismos de gestão, tão importantes ou mais do que as novas técnicas. Hoje não é possível ter sucesso sem gestão comercial refinada, sem gestão fiscal e tributária, sem conhecer custos de produção em detalhes. Gestão financeira, ambiental, de recursos humanos, gestão de risco, tudo isso faz parte do dia a dia de qualquer produtor rural.

E os jovens formados nas faculdades de ciências agrárias estão mais equipados do que seus antecessores nestas questões. Por isso é cada dia mais importante montar mecanismos de sucessão no campo. É compreensível que os velhos dirigentes de fazendas se sintam ainda capazes, e terão sempre razão

enquanto tudo estiver dando certo, isto é, lucro. Também se entende que não queiram parar. Todos repetem o velho refrão: "quem não anda, desanda". Por isso é difícil que entreguem a gestão aos filhos, mas a rapidez das mudanças está exigindo uma sucessão bem organizada no campo.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**